

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Thiago Oliveira Neto¹

Resumo

Esse texto trata de uma reflexão sobre a discussão geopolítica que aborda a existência de duas áreas de projeção de poder, traçando considerações de ordem geopolítica com base nos textos clássicos e contemporâneos, com análises que tangenciam para uma abordagem geoeconômica dos triângulos situados um no mar do caribe e outro na Bolívia.

Palavras chave: geopolítica, geoeconomia, projeção.

Abstract

This text deals with a reflection on a geopolitical discussion that addresses the exposure of two areas of power projection, considering geopolitical considerations based on classical and contemporary texts, with tangibility analyzes for a geoeconomic approach of triangles located in the Caribbean Sea and another in Bolivia.

Keywords: geopolitics, geoeconomics, projection.

Introdução

Os clássicos regionais da geopolítica como Travassos e Tambs apontaram para a existência de duas áreas de relevância geopolítica na América Latina, uma área situada na Bolívia e outra no mar do Caribe, e apesar dos apontamentos desses autores referentes a essas áreas terem sido realizados em décadas passadas, nota-se que, atualmente, uma área teve mudanças, enquanto a outra tem a atuação de Estados e de empresas, principalmente no mar do Caribe por ser uma constante.

Na primeira área que corresponde ao triângulo geopolítico da Bolívia, Travassos (1935) apontava que a presença brasileira via eixos de circulação poderiam neutralizar a influência argentina no continente sul-americano; para isso, o Brasil deveria expandir suas infraestruturas entre os dois países, e desde a década de 90, a atuação brasileira passou a ser voltada para a integração sul-americana do que simplesmente neutralizar um país.

O segundo triângulo engloba o mar do Caribe e uma região que concentra sistemas de engenharia e recursos naturais, ambos são relevantes

¹ Doutorando em geografia humana pela Universidade de São Paulo-USP. Mestre e graduado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. E-mail: thaigoton91@live.com

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

economicamente, primeiramente por permitir uma fluidez de navios e pelas reservas de hidrocarbonetos e demais recursos.

Desse modo, esse texto apresenta uma breve revisão sobre os marcos teóricos; as discussões traçadas por Travassos e Tambis sobre os dois triângulos geopolíticos; e aporta uma breve análise atual desses triângulos geopolíticos.

Não buscamos esgotar as considerações sobre os triângulos geopolíticos, mas traçar uma discussão que possua uma convergência entre a geopolítica e a geoeconomia com o propósito de tecer alguns comentários sobre um debate tratado no século XX e pouco explorado na atualidade.

1. Fundamentos iniciais: Mackinder e a teoria do *Heartland*

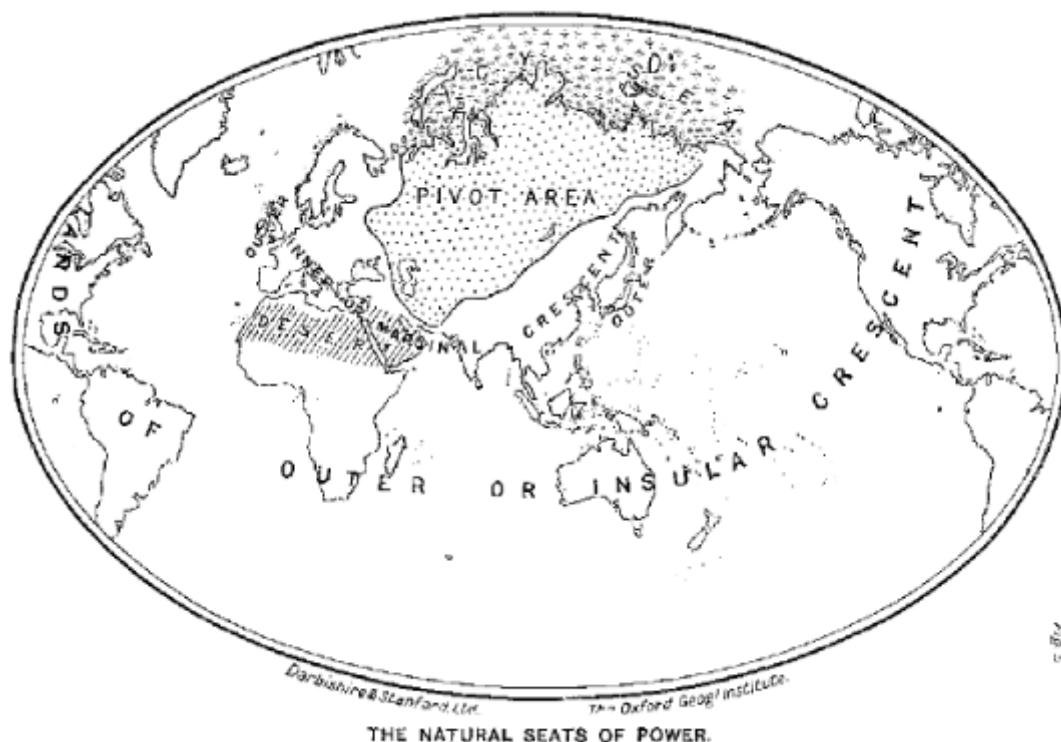
Na geopolítica clássica os elementos terrestres e as formas vão nortear as discussões sobre a chave do poder mundial. Nesse aspecto, encontramos na teoria sobre o poder terrestre de Halford John Mackinder, no celebre texto de 1904, as considerações de que a chave do poder mundial estaria numa dada região, na Eurásia.

Mackinder em 1904 “apresentou (...) os pilares de uma nova teoria desenvolvida no trabalho intitulado O eixo geográfico da história” (MIYAMOTO, 1995, p. 31).

Na interpretação de Mackinder, a chave para o poder mundial estava centrada naquele que ocupasse o *heartland* área pivô, o que exerceria uma influência mundial (CAIRO, 2008).

A teoria consistia numa possibilidade de superioridade geoestratégica por meio de uma política de equilíbrio de poder via uma esquematização (fig. 1) constituída em cinturão inferior –*inner crescente*– formada pela periferia da Eurásia, está situada no contorno do coração continental, caso essa área fosse dominada por alguma potência terrestre, a mesma conseguiria estabelecer o domínio da ilha mundial –*world-island*– que corresponde pela porção terrestre da Eurásia e África, ou seja, numa perspectiva escalar, quem domina a Europa Oriental domina o Coração Continental e com domínio deste conseguiria dominar a ilha mundo e dominaria o mundo (CAIRO, 2008).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina



THE NATURAL SEATS OF POWER.
Pivot area—wholly continental. Outer crescent—wholly oceanic. Inner crescent—partly continental, partly oceanic.
Figura 1. O mundo no pensamento mackinderiano. (MACKINDER, 2011[1904], p. 98).

Com base no modelo mackinderiano, Nicolas Spykman destaca que o interesse no controle da *Heartland* tem como ponto central o anel continental denominado por ele de *Rimland* que correspondia ao cinturão inferior de Mackinder, sendo que o domínio deste anel possibilitaria, segundo Spykman o estabelecimento do domínio global por meio de uma potência marítima (CAIRO, 2008).

Vesentini alega que a teoria de Mackinder “não é um “cachorro morto”; suas teorias geopolíticas (...) ainda continuam válidas e imprescindíveis para uma boa compreensão do mundo pós-guerra fria (2008, S/P). Esse apontamento e a adaptação de sua teoria para outras escalas, a fim de chamar atenção para determinadas porções territoriais do mundo que poderiam ser a chave para o estabelecimento do poder regional, é uma demonstração que essa teoria não foi totalmente vencida na segunda metade do século XX.

A teoria mackinderiana possui um aspecto positivista, geométrica e linear, mas não podemos descartar totalmente a respectiva discussão, principalmente quando se observa a atuação da Alemanha com a expansão territorial na 2ª Guerra Mundial, ou a atuação de potências como Estados Unidos

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

na tentativa de contenção da Rússia por meio da constituição de bases militares e do estabelecimento de alianças com os países da Ásia e Europa.

Essa teoria do poder terrestre foi a base para outras teorias gerais e regionais, como foi o caso da sua adaptação para a América Latina.

2. Heartlands sul-americanos: apontamentos de Travassos e de Tambs

Foi Lewis Tambs (1965) que apontou que a América Latina comportaria dois Heartlands, um estando na **Bolívia** “região essa que controla as cabeceiras dos dois maiores sistema hidrográficos da América do Sul e do Rio da Prata e é atravessada por duas transcontinentais – Buenos Aires-Lima e Santos-Arica, ambas direta e diagonais.[...]” e outro no mar do **Caribe**, “às Antilhas, região essa que é chamada por Pierre Deffontaines de Mediterrâneo americano, em contraposição ao seu similar europeu” (MIYAMOTO, 1995: 61).

2.1. O triângulo boliviano

Foi Travassos que transpôs para a escala continental da América do Sul o “teorema” mackinderiano (RODRIGUES, 2014). Seguindo esse mesmo caminho, Tambs apontou: “Quem controla Santa Cruz comanda Charcas. Quem controla Charcas comanda o heartland. Quem controla o heartland comanda a América do Sul” (1965, p. 34 e 35)².

Travassos, segundo Miyamoto (1995), estava preocupado com a possível influência argentina no continente sul-americano, pois na obra de 1935 o autor aponta antagonismo do continente formando pela rede de comunicações que interliga a Bacia do Prata até a Bolívia, o que poderia ter repercussões sobre o Pacífico e Amazônia, com centro de ligações entre Santiago, Assunção e La Paz com a Bacia do Prata, o que permitia para a Argentina uma ligação ao centro geopolítico do continente e ao pacífico.

O Brasil teria a “incumbência (...) de neutralizar a vantagem obtida pelas comunicações da Bacia do Prata” com o triângulo geopolítico (MIYAMOTO,

² “The axial Sucre-Cochabamba-Santa Cruz triangle around which pivots South America has closed on Santa Cruz de La Sierra – the political epicentrum of the continente. To paraphrase Mackinder: Who rules Santa Cruz commands Charcas; Who rules Charcas commands the heartlands; Who rules the heartland commands South America” (TAMBS, 1965, pp. 35-36).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

1995, p. 61), como forma de neutralizar as possíveis influências argentinas e também *yankee*.

A chave da hegemonia continental estaria no triângulo formado pelas cidades de Sucre, Cochabamba e La Paz.

Na busca de obter a hegemonia regional em território boliviano, o Brasil e Argentina colocaram “em prática uma boa parte dos discursos geopolíticos aconselhados pelos seus analistas”, e o Brasil “não apenas a ligação viária bioceânica seria o ponto chave da sua política para o subcontinente, mas principalmente a satelitização dos prisioneiros geopolíticos (Bolívia e Paraguai)” (PFRIMER, ROSEIRA, 2009, S/P).

Para Pfrimer, o triângulo geopolítico da Bolívia é constituído em três cidades: Santa Cruz, Cochabamba e Tajira, pois “essa área densa com formato triangular é constituída por eixos técnicos que integram a rede urbana de origem colonial, ainda vigente no altiplano (Oruro-Potosí-Tarija)³, e a rede urbana tributária do corredor econômico boliviano (La Paz-Cochabamba-Santa Cruz) à nova rede urbana que se origina das relações entre Santa Cruz e Tarija” (2011, p. 138).

Segundo Viera, Travassos “ressalva que a América do Sul a disputa entre o Brasil e Argentina por hegemonia regional colocava em relevo o problema das comunicações” (2008, p. 70). Seguindo esse contexto, Vlach destaca que a Bolívia tinha como necessidade um porto no Pacífico e outro no Atlântico, e isto seria um exemplo da instabilidade geográfica desse país, e “no caso de um conflito armado, provocaria problemas nas relações entre Brasil e Argentina, uma vez que esses Estados disputavam a hegemonia na América do Sul” (2003, S/P).

Rodrigues (1947) vai denominar de *Puncti Dolens* as áreas de atrito de alcance continental, apontando o *Punctum Dolens* para o caso Boliviano, com destaque para o triângulo estratégico.

Segundo Viera, uma das proposições de Travassos constituía em um modelo geopolítico de projeção do Brasil na América do Sul calcado na expansão

³ “Ademais, a expansão econômica de Tarija, após a descoberta das importantes reservas de gás e petróleo, a colocou como um dos 4 principais centros urbanos do país. Essa área com o formato triangular é constituída por uma rede urbana de 3 cidades principais: Santa Cruz, Cochabamba e Tarija. Envoltos e bem articulados a esses centros urbanos principais há ainda centros secundários como Potosi, Oruro, Sucre e Yacuiba”(PFRIMER, ROSEIRA, 2009, S/P).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

das infraestruturas de circulação e de comunicação (2008). O pensamento travassiano, segundo Albuquerque, resultou em uma influência na geração de generais como Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos, que “basearam suas análises geopolíticas acerca da América do Sul no antagonismo entre Bacia do Prata e Bacia Amazônica tal como definido em *Projeção Continental do Brasil*” (2015, p. 61).

No caso sul-americano, com a mudança de uma política de hegemonia e de contenção para uma política de integração regional com a estruturação e o reforço das redes de circulação e comerciais, altera-se toda a forma como os Estados atuam nessa região. Um dos projetos de integração foi por meio das ferroviárias, rodoviárias e de gasodutos que foram construídos na segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do século XXI.

O fortalecimento da articulação regional se dá por meio da Iniciativa da Integração Regional Sul-Americana-IIRSA, e nesse bojo o “território boliviano se torna um ponto central da interconexão de diferentes corredores, recebendo nada menos que 5 eixos de integração dos 9 já em execução” (PFRIMER, 2011, p. p. 138).

A Bolívia possui 8 importantes eixos de integração da rede de circulação macroestrutural sul-americana, podemos destacar 4 deles: Brasil-Santa Cruz; Argentina-Tarija; Chile-Cochabamba; La Paz-Brasil (Rondônia e Acre) (fig. 2).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

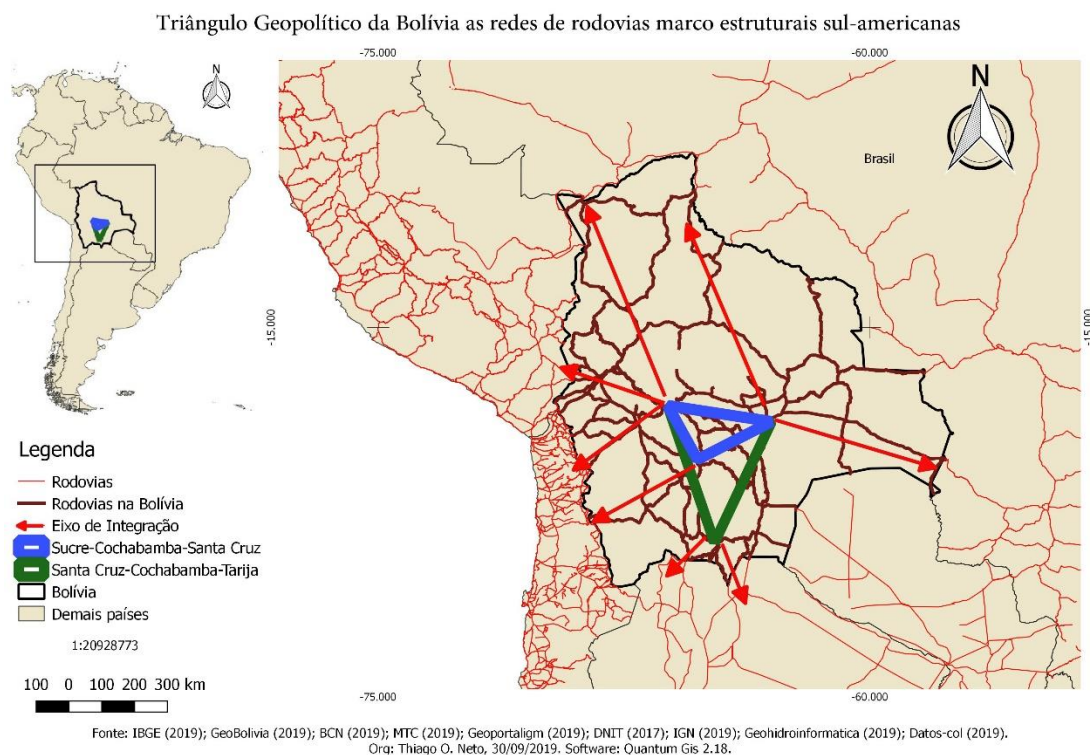


Figura 2. Integração da Bolívia a redes rodoviárias macroestruturais sul-americanas.

Em décadas passadas, o Brasil teve um planejamento constituído em realizar uma integração territorial por meio da construção de grandes eixos rodoviários, estes passaram a articular a capital federal com as capitais regionais e com algumas vias interligando até os países fronteiriços⁴. Uma parte dessas vias, como a BR-364 que foi construída paralelamente a faixa de fronteira com a Bolívia e dessa se estenderam as rodovias: BR-425, BR-425, BR-317 com Assis Brasil e Brasileia, BR-262, gasoduto Brasil-Bolívia etc., de uma certa forma, articulam o território boliviano com o sistema viário nacional.

2.2. O triângulo do mar do Caribe

Tambs (1965) apresenta a existência de um segundo triângulo geopolítico que seria a chave para a hegemonia regional e este estaria situado no Mar do Caribe

⁴ Mas deve-se apontar que na década de 70, o projeto intitulado BV-8 consistia em interligar Brasília até Caracas por meio de rodovias asfaltadas, tendo atualmente apenas 450km de 5.770km para concluir, com a ligação Manaus-Caracas estando concluída efetivamente desde 1998.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Do ponto de vista geopolítico, o mar do Caribe centraliza a Área Pivô, situada no centro entre a América Central, estando entre as duas porções territoriais continentais mais importantes, a América do Sul e América do Norte, com algumas ilhas e penínsulas.

A área Pivô seria constituída pelo clássico triângulo geopolítico que tem como pontos as capitais: Havana, Manágua e Caracas (fig. 3). Esses três pontos englobam aspectos da passagem da circulação marítima dos navios; proximidade com os Estados Unidos via Florida; um dos pontos situados na ilha Cubana que foi palco de grandes tensões como a crise dos Mísseis em 16-28 outubro de 1962 e antigo aliado da União Soviética (extinta na década de 90); Manágua como área de interesse econômico Chinês que se arrefeceu nos últimos anos com o não andamento da construção do Canal da Nicarágua; atuação Russa na Venezuela. Fora desse triângulo, mais precisamente naquilo que denominamos de **faixa continental**, que corresponde a uma fração territorial dos países que engloba desde a Florida até fronteira Venezuela com a Guiana, encontra-se a massa terrestre com mais de 10 países e nota-se as tensões referente aos recursos naturais situados no assoalho oceânico como foi o caso entre Nicarágua e Colômbia (ELPAIS, 2013) e as tensões entre Colômbia e Venezuela⁵ (O GLOBO, 2019)⁶ e Venezuela e Guiana; (MAISONNAVE, PRADO, 2019; ZERPA, 2019)⁷, na **faixa insular** compreende-se pelas ilhas como: Aruba, Barbados, Porto Rico, República Dominicana, Haiti até as Bahamas. Nessa faixa, situa-se também às bases militares americanas como Guantánamo, Porto Rico e Antilhas Holandesas.

⁵ “Por se situar na fronteira com a Venezuela, o aumento da capacidade militar colombiana é utilizado pelos EUA como uma forma de conter a influência política e militar venezuelana na região. Ao equilibrar a balança de poder regional, os Estados Unidos procuram diminuir a instabilidade desse sistema, que poderia culminar com o surgimento de uma potência regional, capaz de ameaçá-lo, já que inexisteriam rivais aspirantes a esse posto, principalmente o Brasil, mas também a Venezuela” (ALBERNAZ, et al, 2010, p. 12).

⁶ Deslocamento de para a fronteira “baterias de mísseis antiaéreos russos (tipo S-300)” (O GLOBO, 2019).

⁷ “A Venezuela reacendeu a velha disputa fronteiriça no mês passado depois de interceptar dois navios que realizavam estudos sísmicos para a Exxon, que se prepara para desenvolver gigantescas reservas de águas profundas no litoral da Guiana. A Venezuela já havia mapeado depósitos de petróleo em seu território offshore anteriormente, mas algumas áreas ainda não foram cartografadas. A nova pesquisa também incluirá áreas que fazem fronteira com ilhas do Caribe, como Granadinas e São Vicente” (ZERPA, 2019, S/P).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

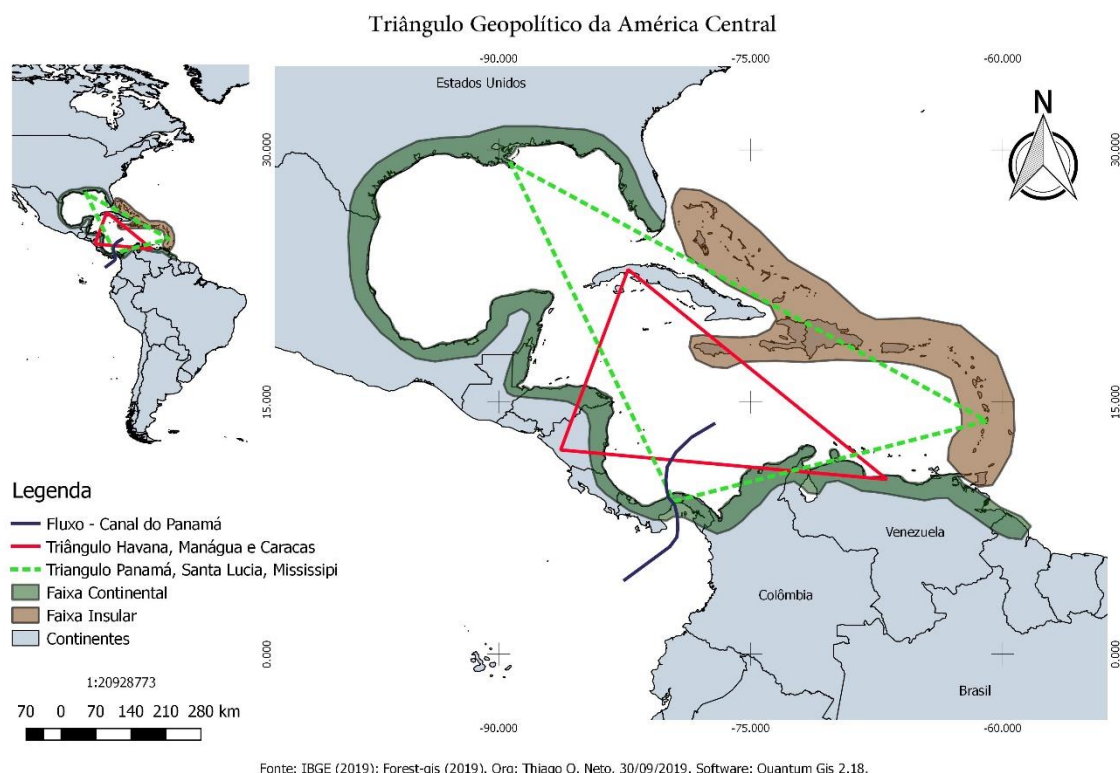


Figura 3. Triângulo geopolítico do Mar do Caribe.

Para o estabelecimento do controle dos recursos naturais e dos fluxos comerciais, precisa “dominar” não somente as faixas continental e insular, mas estabelecer um domínio marítimo. Nesse sentido, quem domina a faixa continental, domina a extração de recursos naturais do assoalho oceânico e o canal do Panamá⁸; quem domina a faixa insular, domina a passagem do fluxo comercial; e por fim, dominará o cerne do triângulo geopolítico quem domina a circulação e a exploração de recursos, podendo estabelecer controle ou impor taxas. Essa região envolve ainda uma correlação de forças entre países regionais e superpotências.

A crescente possibilidade de extração de hidrocarbonetos resulta em uma possibilidade muito atrativa para governos como para as empresas globais (GOMEZ, 2017)⁹, resultando em tensões como Nicarágua e Colômbia e Venezuela e Guiana.

⁸ O Canal do Panamá para Travassos constituía em um verdadeiro Carrefour internacional e no Mar das Antilhas estava a incubadora da influência yankee (TRAVASSOS, 1935, p. 71)

⁹ Gomez (2017) aponta que entre a Colômbia e a Nicarágua existe uma tensão histórica que envolvem interesses pelo exercício da soberania nos arquipélagos de San André, Providencia y Santa Catalina e uma área marítima do mar Caribe. Essa tensão se deve pelo interesse pela exploração de hidrocarbonetos e pela existência de diversas rotas de navegação.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

No triângulo formado por Havana, Manágua e Caracas, apenas o fluxo do canal do Panamá está em uma das faces, ao passo que no triângulo Panamá, Santa Lucia e desembocadura do rio Mississipi (fig. 3), engloba uma área maior, o que inclui os fluxos do transporte de carga do rio Mississipi e a ilha de Cuba ficam dentro da área estratégica.

Segundo Violante, a relevância primordial para os Estados Unidos é “o controle do Caribe, em especial o Panamá, Santa Lucia, Boca do Mississipi, que seriam pontos fundamentais que formavam triângulo geopolítico, chamado de “triângulo do Caribe”” (2015, p. 230), e nesse desenho, a ilha de Cuba estaria numa posição central do triângulo. Seguindo o pensamento mackinderiano: “quem dominasse Cuba, dominaria o Golfo do México. Cuba anularia a Jamaica. Ao fim, quem controlasse o Caribe, controlaria as linhas de comunicação entre os oceanos Pacífico e Atlântico” (VIOLANTE, 2015, p. 231).

No recorte que inclui a desembocadura do rio Mississipi, aponta-se que por meio desse rio ocorre um fluxo de cargas oriundo da produção norte americana que é deslocada ao longo desse e segue em direção ao Canal do Panamá e outra para América do Sul ou Europa.

Tanto na faixa continental como na insular, os poderes marítimos e terrestres podem ser constituídos para frear ou expandir a atuação de uma dada superpotência.

Os Estados Unidos como país bi-oceânico, o monopólio das ferrovias, bem como a realização do transporte de uma costa para outra e a necessidade de circulação entre a Ásia com outras partes do mundo, parece que foram os elementos que fomentaram a construção do Panamá. Depois de mais de um século, a relevância dessa passagem continua uma constante, principalmente para o deslocamento de milhares de toneladas de mercadorias, passageiros em transatlânticos e a passagem de navios e submarinos militares.

Uma das “leis do poder marítimo” é a não divisão da frota naval em caso de conflito, e como forma de evitar qualquer divisão, Mahan “afirmava que o canal do Panamá seria de suma importância para a manutenção dos interesses estadunidenses nos oceanos pacífico, atlântico e Caribe, pois permitiria a passagem da esquadra de um oceano a outro sem necessitar dividi-la” (VIOLANTE, 2015, p. 229).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Em sua análise geopolítica de 1904, Mackinder já tecia considerações sobre o Canal do Panamá:

Fora da área pivô, em um amplo crescente interno, estão Alemanha, Áustria, Turquia, Índia e China, e em um crescente externo, Inglaterra, África do Sul, Austrália, Estados Unidos, Canadá e Japão. Na condição atual do equilíbrio de poder, o Estado Pivô, a Rússia, não é equivalente a quaisquer outros estados periféricos, e não há espaço para um equilíbrio com a França. Os Estados Unidos recentemente se tornaram uma potência do leste, afetando o equilíbrio europeu, não diretamente, mas através da Rússia, e vai construir o canal do Panamá para fazer um novo Mississipi entre o Atlântico e o Pacífico e para fazer os recursos do Mississipi e Atlântico, disponíveis no Pacífico. Deste ponto de vista, a verdadeira divisão entre leste e oeste pode ser encontrada no Oceano Atlântico. (MACKINDER, 2011[1904], p. 17).

No século XX, na América Latina, dois centros principais da “avançadas soviéticas” eram constituídos pela Nicarágua e Cuba, algo que deveria ser freado pelos Estados Unidos, “os projetos revolucionários cubanos ou nicaraguenses da época da Guerra Fria eram interpretados não como respostas (auto-produzidas) à situação da ditadura política e de extrema desigualdade social que existia nesses países, mas como vanguarda da penetração soviética” (CAIRO, 2008, p. 231), e como medida, foi imposto pelos Estados Unidos “políticas de isolamento e assédio para ambos os regimes, como, por exemplo, o embargo a Cuba ou o apoio à contra Nicarágua” (CAIRO, 2008, p. 231).

No século XXI, apesar da crise na Nicarágua, o projeto anunciado de construção do canal para passagem de grandes navios entre os oceanos Atlânticos e Pacífico teve suas obras suspensas há dois anos em decorrência da falência do investidor chinês Wang Jin, ou seja, não era o governo chinês propriamente dito, além disso, a China vê o canal do Panamá ampliado como possibilidade de permitir o estabelecimento da Nova Rota da Seda (KORN, 2019).

A atuação das potências militares (fig. 4) e econômicas no mar do Caribe com embarcações militares, bases e etc., constituem em uma atuação do Estado que “se mostra em todas as formas de manifestações espaciais, da capital à fronteira, passando pelas malhas interiores hierarquizados e pelas redes de circulação” (RAFFESTIN, 1993, p. 16). Em uma máxima geopolítica, Raffestin sintetiza que “a circulação é sinal de potência” (RAFFESTIN, 1993, p. 202) por isso os esforços em estabelecer rotas e manter o controle ou estruturas que permitam a “vigilância”.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

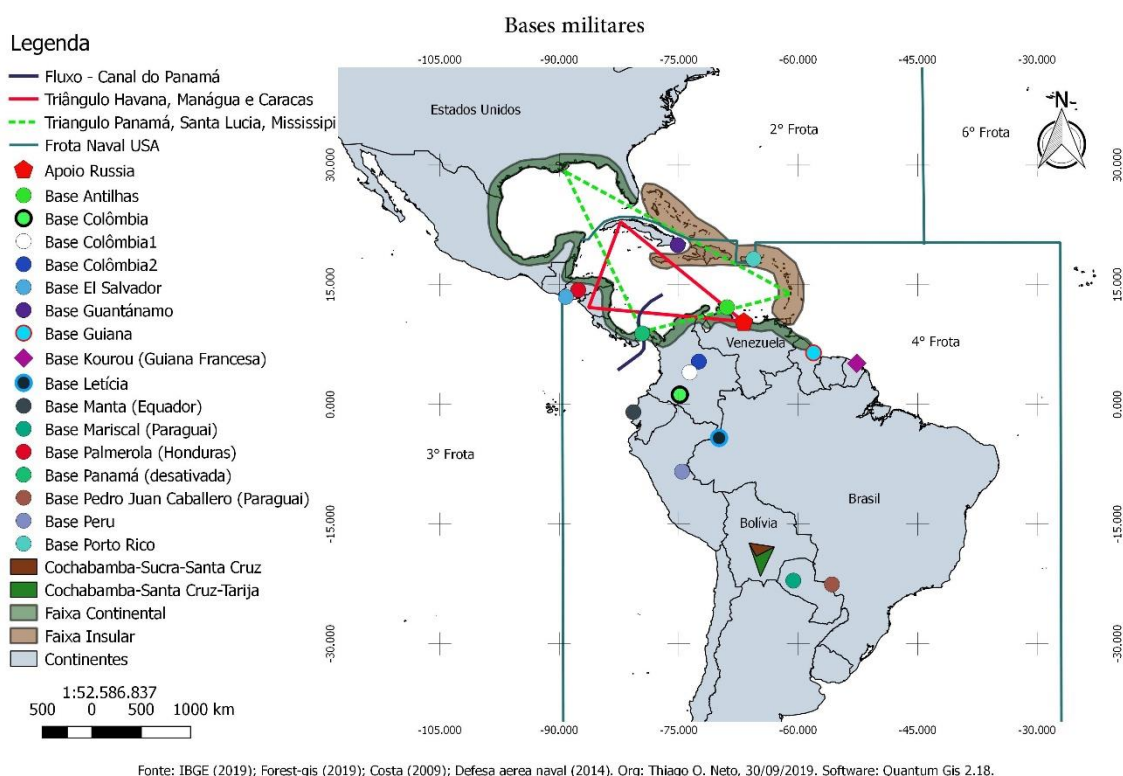


Figura 4. Bases militares e a região da 4ª frota.

Nota-se uma linha de contenção em suas devidas escalas na América Central, tendo a ilha de Cuba internamente dentro, e ainda, uma contenção parcial com a Venezuela com uma linha constituída de bases militares que se estabelece entre as faixas terrestres e insulares, algo similar com a política americana de contenção a URSS e atual Rússia, com uma estratégia que se constituía em “um linha pró-Occidente ao redor daquele país, começando na Europa, passando pelo Oriente Médio e chegando ao Extremo Oriente” (VIEIRA, 2008, p. 64) que forma um corredor de segurança na Rússia e outro na América Central (fig. 5).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

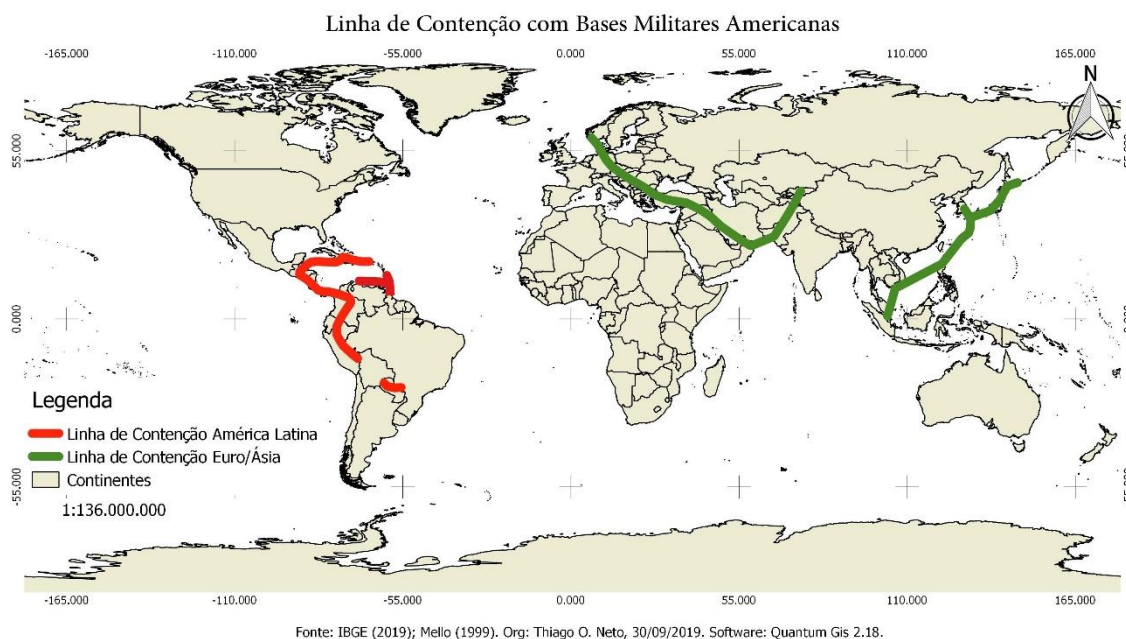


Figura 5. Linha de Contenção com bases militares dos Estados Unidos.

As linhas do mapa da figura 5 correspondem a concentração de bases militares americanas no mundo. Essa distribuição espacial coincide em “un dominio persistente presupone la organización del territorio mediante un buen sistema de comunicación” (MAULL, 1960, p. 100).

Enquanto as bases na Europa e Ásia constituem em uma política de contenção a Rússia, na América Central as bases têm o duplo papel de estabelecer um cerco ao Mar do Caribe e a este estabelecer uma política de contenção a uma possível atuação de potência regional ou internacional nessa área.

O estabelecimento do domínio do mar do Caribe ocorrerá mediante uma atuação, caso ocorra de uma potência com atuação não somente com penetração terrestre ou marítima, mas ambos. Nesse “jogo”, a movimentação constituída pela Rússia com o comércio de armamento bélico para Venezuela e treinamento em conjunto como ocorreu em 2008 com a “chegada dos aviões Tu-160 ocorre dias depois do anúncio feito pelos governos venezuelano e russo, de que os dois países realizarão exercícios militares conjuntos nas águas do Caribe no mês de novembro” (JARDIM, 2008, S/P), novamente foram deslocados em 2019 para Venezuela, tendo desde 1999 o fornecimento de material bélico da Rússia e da China com objetivo de “transformar a Venezuela em uma potência regional capaz de contrapor o poder dos EUA” (OLMO, 2019, S/P).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

A atuação Russa em missões e equipamentos militares parece ser um elemento de penetração exógena a convencional área de influência Americana no continente.

Cairo considera que os autores clássicos de origem anglo-saxões e alemães representaram o espaço mundial no século XX e incluíram a América Latina como um recorte territorial de importância marginal no mundo, pois apresenta uma área com vínculos da potência marítima e da pan-região que tem como Estados Unidos (2008) como influência continental. A importância da América Latina pode ser compreendida em uma leitura constituída na importância multiescalar em âmbito regional, continental, principalmente pela circulação, produção e consumo.

As regionalizações mundiais impostas como forma de buscar demonstrar as influências das potências militares e econômicas podem ser identificadas como a teoria de Haushofer (fig. 6). Nesse recorte espacial que incluía toda as américas como influência norte americana¹⁰ e como forma de romper essa possível “órbita”, países como Venezuela busca aliados no cenário internacional como a Rússia, tendo ainda a possível entrada da China nessa área de influência na América Central.

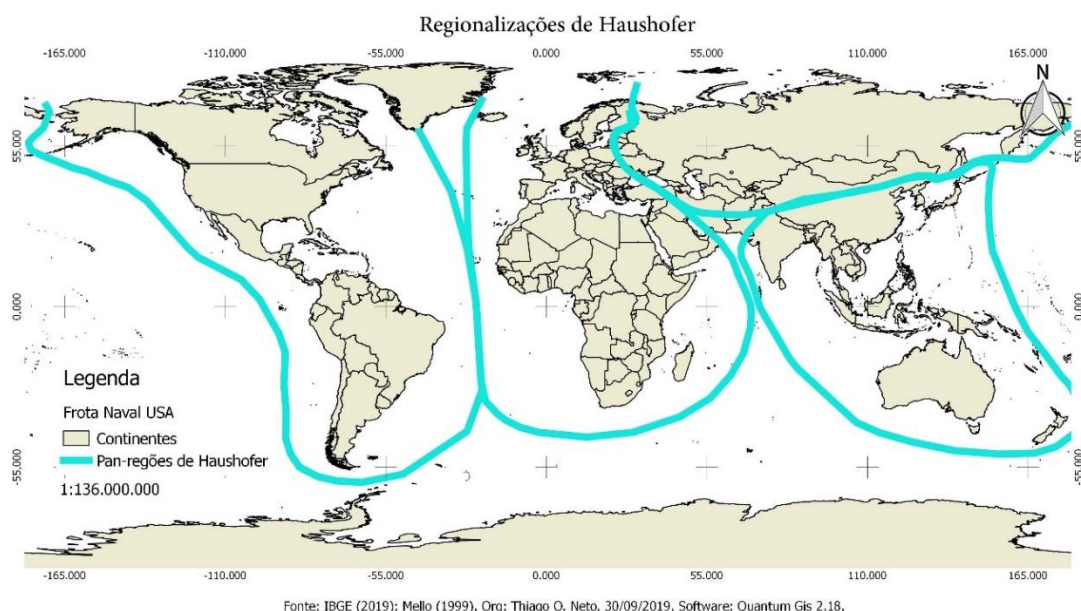


Figura 6. O mundo na teoria de Haushofer.

¹⁰ Vlach destaca que nas primeiras décadas do século XX que “o poder político e econômico da influência estadunidense nessa região se traduz de maneira muito clara no Canal do Panamá” (2003, S/P).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

A outra regionalização é instituída pelos Estados Unidos quando estabelecem recortes espaciais para fins militar da marinha com a distribuição das frotas navais (fig. 7).

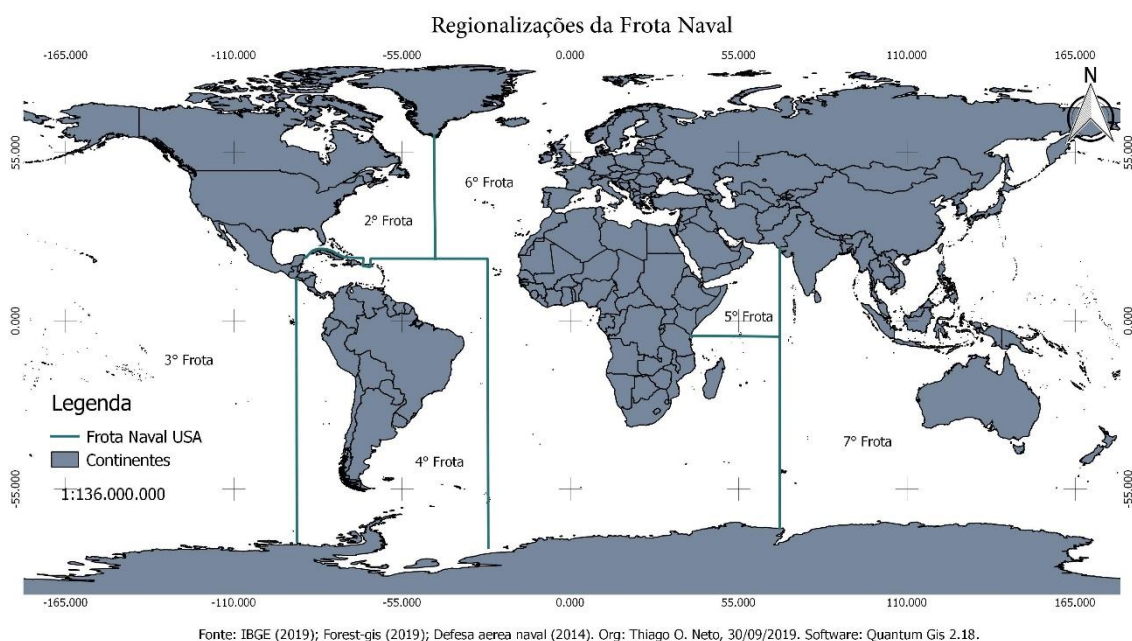


Figura 7. Uma regionalização militar.

Mackinder, Haushofer e as frotas navais dos EUA constituem em distintas regionalizações do mundo para fins do estabelecimento da atuação estatal-militar, e tais representações não correspondem com as divisões políticas das fronteiras, perpassando sobre essas.

Atuação cujo o foco é evitar qualquer iminência de possíveis interrupções dos fluxos de navios cargueiros, seja com cargas em contêineres, grãos e principalmente hidrocarbonetos, necessita de uma capacidade dos Estados –potencias regionais ou internacionais- em manter os fluxos por meio da mobilização de recursos financeiros, técnicos e humanos, como por exemplo, a reativação da 4ª frota da marinha que foi criada em 1943, desativada em 1950 e reativada em 2008, se mantendo até o presente.

Além de ter como objetivo de manter a manutenção e vigilância da circulação e da exploração de riquezas minerais, como forma de evitar interrupções que afetem cadeias produtivas globais de controle de empresas globais e mundiais, pode-se observar que a frota foi reativa no momento que a Rússia estava enviando os aviões militares.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

As bases militares e os demais equipamentos como navios e submarinos e as manobras militares se constituem em uma demonstração de *softpower* e *hardpower*, inclui-se ainda sanções econômicas, desfiles militares e manobras militares bases e treinamentos em conjunto ou não.

Na máxima geopolítica cunhada por Friedrich List “quien tiene los medios de comunicación de un país en su poder domina el país” (MAULL, 1960, p. 97), ou não somente de um país, mas quem controla os fluxos internacionais ou passagem desses fluxos, podem interferir na fluidez de cargas em nível regionais e mundial.

No início do século XX, quando os Estados Unidos concluíam o Canal do Panamá, estes instituíram “medida de aduio Theodore Roosevelt que era preciso asegurar la paz en una zona de constante perturbación” (MAULL, 1960, p. 491) como forma de reduzir quaisquer revoluções ou conflitos que representassem uma ameaça a paralização da circulação no canal.

2.3. Circulação militar: tensões

A circulação – transportes-comunicação - assume duas faces importantes, uma de ordem geoeconômica e outra geopolítica, sendo nessa última que Vallaux (1914) aponta a relevância das vias de circulação para o Estado.

A circulação e a comunicação, por estarem “presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distancias” e “na realidade, em todo “transporte” há circulação e comunicação simultaneamente” (RAFFESTIN, 1993, p. 200)¹¹.

Moodie aponta que as comunicações e os transportes “são os canais pelos e através dos quais se desenvolve a organização tanto dos Estados como dos assuntos internacionais” (1965, p. 115). De forma geral, “a circulação é um dos meios mais importantes pelos quais a sociedade mundial funciona como uma empresa em atividade, de modo que todo obstáculo ao seu bom

¹¹ Para Raffestin: “a circulação é a imagem do poder e há poucas chances de ser de outra maneira, pois a circulação, no sentido em que a definimos, é visível pelos fluxos de homens e de bens que mobiliza, pelas infraestruturas que supõe” (1993, p. 202).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

funcionamento deve ser removido” (MOODIE, 1965, p. 139), ou seja, para manter a fluidez, o (s) Estado (s) removem florestas, alteram rios, institui normas e instalam bases militares para ter o controle e “vigiar” a circulação.

O mar do Caribe é uma conjunção de campos de força de origens regionais composta pelos países que estão na América Central, enquanto os países estrangeiros e que atuam nessa região constituem forças internacionais compostas por países como Estados Unidos, China e Rússia¹², que buscam atuar nessa região para fins de projeção de poder e a manutenção da circulação e da exploração dos recursos.

Uma dessas projeções se constitui no envio de navios e submarinos para a região (fig. 7).



Figura 7. No mosaico: a) navio russo Almirante Chabanenko em 2008 (DIÁRIO DO RIO GRANDE, 2008); b) e c) destróier americano Zumwalt em 2016 (BLITZ, 2017); d) submarino nuclear americano USS Dallas 700 em 2017 (THE GUARDIAN, 2016).

Além da passagem de embarcações que perpassaram ou fizeram parte de treinamento ou de vigilância, aviões como o Tupolev-TU 160 (fig. 5) que se

¹² Os navios destinados “para manobras no Caribe, programadas para sinalizar aos Estados Unidos o ressurgimento da Rússia como potência militar e política global. O exercício, resultado de uma sólida aliança com o presidente antiamericano da Venezuela, Hugo Chávez, será atentamente acompanhado pelas Marinhas ocidentais, por ser a primeira mobilização russa desse tipo -- tão próxima da costa dos EUA -- desde o fim da Guerra Fria” (G1, 2008, S/P).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

deslocou da Rússia até a Venezuela¹³ em 2008, e em 2018 simboliza uma demonstração de aliança e de um *softpower* para os demais países, bem como aos Estados Unidos, principalmente por se tratar de uma aeronave que é o maior bombardeiro do exército russo, a qual, a partir de Caracas, tem uma autonomia de voo e de atacar uma área que engloba desde o Brasil até os Estados Unidos.



Figura 8. Avião Tupolev TU 160 na Venezuela (UOL, 2018).

Esse contexto remonta aquilo que Cairo denominou de globalização militarizada enquanto um processo que constitui uma nova ordem geopolítica, com uma roupagem constituída por discursos geopolíticos (2008), destacando-se a geopolítica ideológica.

Buscando fugir de uma discussão determinista em que as condições naturais ali postas poderiam ser a guia da atuação de Estados, a atuação destes ocorre pela combinação indissociável entre as reservas minerais, sistemas de engenharia existentes, aumento do consumo de hidrocarbonetos por países distantes das reservas, área de influência e vigilância, circulação de embarcações e a atuação de outras potências e não alinhamento integral entre os países com a potencial do Norte. Com esse panorama, pode-se destacar que existe uma gama variada de elementos que podem nortear os interesses de países exógenos ao mar do Caribe, ou seja, não somente os recursos naturais.

O pivô geográfico não está centrado em um único país, mas pode abranger diversos, ou seja, as divisões das fronteiras não coincidem com a

¹³ Albernaz *et al* aponta que a atuação da Venezuela na compra de armamento bélico está dentro de “um pensamento realista defensivo, alega que os gastos militares venezuelanos têm como objetivo a manutenção da sua posição no sistema internacional. Os investimentos venezuelanos em defesa e suas implicações têm como possível ângulo de apreciação a estrita manutenção de sua posição face ao sistema internacional. Assim como toda uma corrente do realismo, entende-se que os estados buscam ganhos absolutos e preocupam-se acerca da aquiescência” (ALBERNAZ, et al, 2010, p. 3).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

região que abriga os elementos que constituem a chave para a hegemonia regional e internacional.

Os modelos geopolíticos por mais lineares que sejam, permitem evidenciar uma representação ordenada de uma dada organização e configuração espacial constituída de elementos de ordem geopolítica e geoeconômica e as tensões existentes.

3. Os dois *Heartlands*: uma breve análise geopolítica e geoeconômica contemporânea

Numa análise geoeconômica podemos apontar que os dois triângulos possuem aspectos particulares que devem ser analisados isoladamente entre si, a fim de evitar a constituição de equívocos analíticos. Nesse sentido, podemos dizer que o triângulo travassiano situado na Bolívia, tem novos elementos que altera sua posição internamente dentro daquele país; a política Brasileira teve uma mudança constituída das ações de reduzir a influência argentina no continente para uma política de integração regional onde a Bolívia é central desse processo.

Essa integração é constituída em base pela expansão e conclusão dos sistemas de engenharia que permitem a fluidez de cargas no continente.

Além disso, a área de atuação brasileira apontada por Golbery como Zona de Soldadura do Continente é constituída de uma malha de sistemas de engenharia, como estradas e demais meios técnicos e uma zona de cultivo de soja e milho, ou seja, a zona de soldadura corresponde onde está o cerne da produção brasileira de grãos.

Isso demonstra claramente a mudança no primeiro triângulo. O segundo triângulo geopolítico parece ser o mais tensionado, apesar do arrefecimento da construção do segundo canal interoceânico que seria na Nicarágua, as tensões com os países não aliados aos Estados Unidos e a presença de outras potências como a Rússia e a China, a existência de reservas de hidrocarbonetos, navegação marítima com deslocamentos de cargas e o arroteio de bases militares americanas no Mar do Caribe denotam que essa região pode perpassar por novas tensões.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Por um lado, as tensões atuais com a crise econômica e política na Venezuela, resultante de embargos econômicos e de administração governamental interna e possível desestabilização via elementos exógenos ao país, nota-se um apoio de países como Rússia ao governo de Nicolas Maduro, o que pode significar uma forma de manutenção do governo com “proteção” e demonstração para os Norte Americanos que não existe uma hegemonia plena.

Por outro lado, a ampliação do Canal do Panamá reforça ainda a fluidez de navios cargueiros e demais embarcações.

Não somente os recursos naturais são os elementos fundamentais do jogo geopolítico no Mar do Caribe, mas as infraestruturas de circulação como o canal de passagem de navios, rodovias, aeroportos e portos e outros sistemas de engenharia são fundamentais para a circulação de pessoas e cargas entre os territoriais e intercontinental, estando aí a relevância estratégica das infraestruturas de circulação, que consiste na possibilidade de permitir a fluidez das mercadorias, propiciando o movimento circulatório do capital de forma ágil e com encurtamento de tempo nos deslocamentos, além disso, o controle propriamente dito dessas infraestruturas é fundamental para a garantia das operações de transporte, transbordo e de armazenamento, pois qualquer bloqueio ou imposição de tarifas afetaria diversos circuitos espaciais da produção que perpassam nessa porção do globo terrestre. Talvez esteja aí a preocupação das empresas mundiais e globais e dos Estados onde está a sede dessas empresas, ambos vão tentar manter as estruturas normativas e jurídicas que permitam a rentabilidade das corporações que ali estão instaladas ou que suas mercadorias e insumos passam.

Esse contexto já denota que os interesses que se converge a uma geopolítica-geoeconomia não fica restrito, ou melhor, não se constitui no domínio do território do país ou o temor de uma ocupação por outro para obter posse territorial, o sentido é constituído em um controle indireto de frações territoriais do país onde as infraestruturas estão instaladas.

No tabuleiro geopolítico da América Latina, as tensões de maior vulto encontram-se centradas no triângulo geopolítico situado no mar do Caribe e nesse arranjo constituído de uma gama de elementos que estão nessa porção territorial (quadro 1).

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

Quadro 1: elementos presentes no triângulo geopolítico da América Central.

Geopolítica	Geoeconomia
Canal do Panamá	Canal do Panamá
Bases militares dos USA	Canal da Nicarágua
Circulação militar	Circulação de navios de cargas e passageiros
Contenção	Exploração de recursos minerais
Recursos naturais	Infraestruturas de circulação
Infraestruturas de circulação	Atuação empresarial
Defesa	Empresas petrolíferas
Presença Russa	-

Organização: Thiago O. Neto.

Considerações

Na geopolítica clássica brasileira, a Bolívia era compreendida como uma área estratégica para a Argentina e Brasil, onde o segundo país, como alertava Travassos, deveria estender as redes de circulação para neutralizar as influências da Argentina no triângulo geopolítico. Depois de décadas e da mudança da ação de contenção/disputa para integração regional sul-americana, a Bolívia passa a ser relevante no processo de integração, apesar de não ter completado sua integração de circulação internamente.

O segundo triângulo geopolítico atualmente concentra a atuação de pelos três superpotências econômicas e militares que disputam a hegemonia do Mar do Caribe, pois essa região apresenta elementos como sistemas de engenharia voltados para circulação e recursos naturais, além de ter países que não estão alinhados ao Estados Unidos, rompendo a ideia de um grande espaço de influência.

Em um balanço geopolítico, podemos apontar que as tensões estão centradas no triângulo geopolítico do Mar do Caribe com os países com instabilidades político/econômicas, como a Venezuela e Nicarágua, e a presença de influência militar de países como Estados Unidos, Rússia e a entrada da China.

Contudo, podemos considerar que o estabelecimento do domínio desse triângulo ou das faixas terrestres e insulares não representa um domínio mundial, mas quem conseguir manter esse controle, domina regionalmente uma parte dos fluxos comerciais e da extração de recursos naturais.

Esse triângulo geopolítico do Mar do Caribe se compreende por uma região subdividida em faixa terrestre e insular que possuem graves problemas

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

sociais e com migrações internas, algo que escapa como objetivo a ser resolvido com apoio dos demais países.

Assim como o triângulo geopolítico da América do Sul, a Bolívia passou a fazer parte da integração sul-americana. O triângulo geopolítico do Mar do Caribe poderia ter uma mudança, talvez uns dos caminhos seria uma fomentação de uma política de integração e de cooperação para fins de fortalecimento regional, obviamente, visando uma atuação para redução das desigualdades regionais com o emprego dos recursos oriundos da exploração de hidrocarbonetos etc.

Nosso propósito foi de apenas tentar tecer algumas considerações sobre as teorias geopolíticas clássicas enquanto guia que legitimou práticas espaciais, e as teses ainda são peças fundamentais para compreender determinados processos contemporâneos.

Referências:

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre. 80 anos da obra *Projeção Continental do Brasil*, de Mário Travassos. *Revista do Departamento de Geografia –USP*, Volume 29 (2015), pp. 59-78.

ALBERNAZ, Bia; LUZ, Eduardo Carneiro; BETIM, Felipe; TORZATTO, Luiza; JIMENEZ, Matias; MEDINA, Rafael. O aumento dos gastos militares da Venezuela: realismo ofensivo e defensivo. *Intellector*, v. 7, nº 13, 2010, pp. 1-24

BLITZ. Submarino nuclear dos EUA cruza canal do Panamá rumo a Coreia. 22 de abril de 2017. Disponível em: <<https://blitzdigital.com.br/c80-not-policia/submarino-nuclear-dos-eua-cruza-canal-do-panama-rumo-a-coreia/>> Acesso em: 25 de set. de 2019.

CAIRO, Heriberto. A América Latina nos modelos geopolíticos modernos: da marginalização à preocupação com sua autonomia. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 21, n. 53, p. 221-237, Maio/Ago. 2008.

DIÁRIO DO RIO GRANDE. Navio de guerra russo cruza o Canal do Panamá pela primeira vez em 64 anos. 06 de dezembro de 2008. Disponível em: <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/115609/navio-de-guerra-russo-cruza-o-canal-do-panama-pela-primeira-vez-em-64-anos>> Acesso em: 25 de setembro de 2019.

ELPAÍS. Nova tensão entre Colômbia e Nicarágua pela disputa de limites marítimos. 27 de novembro de 2013.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/27/internacional/1385584195_093281.html

GÓMEZ, Ginneth Pulido. Exploración de petróleo en el área de la nueva frontera Colombia-Nicaragua: Aproximación Geopolítica. Dissertação de Mestrado em Ciência Ambiental do Instituto de Energia e Ambiente da USP, 2017, 138f.

G1. Rússia manda navios de guerra para manobras no Caribe. 22/08/2008. Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL768721-5602,00-RUSSIA+MANDA+NAVIOS+DE+GUERRA+PARA+MANOBRAS+NO+CARIBE.html>> Acesso em: 28 de setembro de 2019.

JARDIM, Claudia. Aviões russos chegam à Venezuela para exercícios. BBC, 11 de setembro de 2008. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080911_venezuelarussos.shtml> Acesso em: 28 de setembro de 2019.

KORN, Victoria Korn. Carta de Manágua: O Canal de Nicarágua foi abortado - não pode ser causa da crise. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cartas-do-Mundo/Carta-de-Managua-O-Canal-de-Nicaragua-foi-abortado-nao-pode-ser-causa-da-crise/45/41089>> Acesso em: 23 de set. de 2019.

MACKINDER, H. J. O pivô geográfico da história. *Tradução: Thiago Alberto Coloda; Bianca de Andrade*. Revista de Geopolítica, Natal - RN, v. 2, nº 2, p. 3 – 27, jul./dez. [1904] 2011.

MAISONNAVE, Fabiano; PRADO, Avenir. Guiana vive turbulência e tem conflito com Venezuela após achar petróleo. 21/01/2019. Folha de São Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/01/guiana-vive-turbulencia-e-tem-conflito-com-venezuela-apos-achar-petroleo.shtml>> Acesso em 28 de setembro de 2019.

MAULL, Otto. Geografia Política. Barcelona: Omega, 1960.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Quem tem medo da geopolítica?. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1999.

MIYAMOTO, Shiguenoli. Geopolítica e poder no Brasil. São Paulo: Papyrus, 1995.

MOODIE, A. E. Geografia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1965

O GLOBO. Mísseis na fronteira aumentam tensão entre Venezuela e Colômbia. 07 de novembro de 2019. <https://oglobo.globo.com/opiniao/misseis-na-fronteira-aumentam-tensao-entre-venezuela-colombia-23933036>

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

OLMO, Guillermo D. Crise na Venezuela: o que se sabe sobre os aviões militares russos que chegaram ao país. BBC. 26 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47706201>> Acesso em: 28 de setembro de 2019.

PFRIMER, Matheus Hoffmann. Heartland Sul-americano? Dos discursos geopolíticos à territorialização de um novo triângulo estratégico boliviano. *Geosp-Espaço e Tempo*, n° 29, 2011, pp. 131-144.

PFRIMER, Matheus Hoffmann; ROSEIRA, Antônio Marcos. Transformações territoriais na Bolívia: um novo “triângulo estratégico”? In: 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina. Montevideo, 2009.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Bernardo Salgado O heartland sul-americano - a importância geopolítica da Bolívia para a América do Sul. *OIKOS*, V. 13, n. 1, 2014, pp. 40-56.

RODRIGUES, Lysias. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947.

TAMBS, Lewis A. Geopolitical Factors in Latin America. In: BAILEY, Norman T. *Latin America: politics, economics, and hemispheric security*. New York: Published for the Center for Strategic Studies by Praeger, 1965, pp. 31-50.

TAMBS, Lewis A. Geopolitics of the Amazon. In: WAGLEY, Charles. *Man in the Amazon*. Gainesville: University Presses of Florida, 1974, pp. 45-87.

THE GUARDIAN. US navy's most expensive destroyer breaks down in Panama Canal. 23 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/nov/23/us-navys-most-expensive-destroyer-breaks-down-in-panama-canal> > Acesso em: 25 de setembro de 2019.

TRAVASSOS, Mario. *Projeção continental do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1935.

UOL. Venezuela recebe visita de bombardeiros russos para exercício militar “surpresa”. 11 de dezembro de 2018, *Airway-Uol*. Disponível em: <<https://airway.uol.com.br/venezuela-recebe-visita-de-bombardeiros-russos-para-exercicio-militar-surpresa/>> Acesso em: 27 de setembro de 2019.

VALLAUX, Camille. *El suelo y el Estado*. Madrid: Daniel Jorro, 1914.

VESENTINI, José Willian. *Controvérsias geográficas: epistemologia e política*. *Confins*, n° 2, 2008, S/P.

Os dois triângulos geopolíticos na América Latina

VIEIRA, Friederick Brum. Modelo Travassiano: a geopolítica que guia o Brasil na ditadura e na democracia. Rio de Janeiro: Milênio Editorial, 2008.

VIOLANTE, Alexandre Rocha. A teoria do poder marítimo de Mahan: uma análise crítica à luz de autores contemporâneos. Revista da Escola de Guerra Naval, v. 21, nº 1, 2015, pp. 223-260.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros. Terra Brasilis, v4-5. 2003, S/P.

ZERPA, Fabiola. Venezuela vai remapear Caribe e tensão com Exxon aumenta. UOL 09/01/2019. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/bloomberg/2019/01/09/venezuela-vai-remapear-caribe-e-tensao-com-exxon-aumenta-fontes.htm>> Acesso em: 25 de set. de 2019.

Recebido em: 11/10/2019

Aprovado em: 20/10/2019

Publicado em: 30/10/2019